

MULHERES NEGRAS: IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO



PRODUÇÃO REALIZADA DENTRO DA DISCIPLINA SEMINÁRIOS
TEMÁTICOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE,
TECNOLOGIAS E POLÍTICAS PÚBLICAS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO
MACEIÓ – UNIMA/AFYA

SOTEPP

Programa de Pós-graduação em
Sociologia, Tecnologia
e Políticas Públicas

ESSONY EWAGNA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

Jesana Batista Pereira

Lorena Madruga Monteiro

UNIMA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MACEIÓ

Afya

Nascimento, Essony Ewagna Oliveira

Mulheres Negras: Identidade, Resistência e Protagonismo/
Essony Ewagna Oliveira do Nascimento ; orientação [de] Jesana
Batista Pereira ; coorientação [de] Lorena Madruga Monteiro. –
Maceió, 2025.22 p.

Nota de conteúdo: Cartilha fruto da disciplina Seminários Temáticos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Políticas Públicas (SOTEPP) do Centro Universitário de Maceió, Unima | Afya.

1. EREM Dom João da Mata Amaral. 2. Secretaria da Mulher – Garanhuns/PE. 3. Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.
I. Pereira, Jesana Batista. (orient.). II. Monteiro, Lorena Madruga. (coorient.). III. Centro Universitário de Maceió – Unima/Afya.

SUMÁRIO

Apresentação	4
Caminhos da Negritude	5
Identidade e Cultura	6
Racismo Estrutural e Interseccionalidade.....	7
Protagonismo das Mulheres Negras	10
A Minha Voz Importa, A Minha Cor Importa	11
Por que Celebrar as Mulheres Negras?.....	13
Projeto – Mulheres Negras: Identidade, Resistência e Protagonismo.....	15
Nomes de Mulheres Negras Inspiradoras	17
Referências	21

APRESENTAÇÃO

A presente cartilha, intitulada Mulheres Negras: Identidade, Resistência e Protagonismo, é um produto do Projeto com o mesmo nome, realizado com estudantes da Educação Básica – Ensino Médio na Escola de Referência em Ensino Médio Dom João da Mata Amaral, localizada na cidade de Garanhuns /PE por meio da disciplina de Seminários Temáticos do curso de Pós-Graduação em Mestrado e Doutorado em Sociedade, Tecnologia e Políticas Públicas da Faculdade Centro Universitário de Maceió (UNIMA-Afya).

O objetivo desta cartilha é promover a reflexão crítica sobre a posição das mulheres negras na sociedade e a importância do seu reconhecimento, destacando sua resistência e empoderamento, evidenciando os impactos de suas vidas nessa sociedade. Essa temática foi trabalhada com os estudantes de toda comunidade escolar, sensibilizando-os dos desafios e desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras, fomentando a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e de respeito às diversidades. Essa cartilha, além de fornecer informações sobre a temática, apresenta o passo a passo para a realização do citado projeto na escola e seus resultados.

Vale ressaltar que essa cartilha foi pensada e idealizada para estudantes do Ensino Médio das escolas públicas de Pernambuco, visando promover diálogos e reflexões que contribuam para a transformação social.

CAMINHOS DA NEGRITUDE

A Negritude surgiu como um movimento cultural, político e literário que valoriza a cultura negra, questiona o domínio da cultura europeia e promove o orgulho na identidade afrodescendente. Iniciou na década de 1930 por estudantes africanos e caribenhos em Paris, buscava valorizar a identidade, a cultura e a história africana em resposta à opressão colonialista e ao racismo, promovendo o orgulho e a autoafirmação. Por meio da Negritude, os autores resgataram linguagens, memórias e formas culturais, afirmando que suas identidades negras têm valor, beleza e força.

Como a Negritude conecta passado e presente?

A Negritude inspirou movimentos que acreditam na união dos povos africanos e de seus descendentes para enfrentar injustiças, tanto culturalmente como politicamente. Esse ideal de união ajudou a criar uma consciência de pertencimento e resistência, onde ensinou que resistir também é criar por meio da arte, da literatura, de práticas culturais ou da linguagem.

O caminho da Negritude é também educativo, ajudando a desconstruir visões estereotipadas e contribuindo para uma sociedade mais plural, diversa e respeitosa.

Compreender a Negritude é reconhecer que a luta por igualdade racial não está nada distante da nossa história – ela está viva, pulsante e reivindica espaço em todas as esferas da sociedade. Ao discutirmos essa temática, fortalecemos a autoestima e reafirmamos que a cultura negra é o fundamento da nossa identidade coletiva.

IDENTIDADE E CULTURA

A identidade é aquilo que define quem somos – como nos vemos e como somos percebidos pelos outros. Já a cultura molda como pensamos, agimos e nos relacionamos. A cultura não é estática, ela se transforma ao longo do tempo, absorvendo influências externas, mas também resistindo para manter a identidade do grupo. Por isso, é tão importante entender identidade e cultura, pois juntas, ajudam a construir pertencimento, autoestima e um vínculo com o passado e o coletivo.

A identidade e cultura das mulheres negras no Brasil são construídas de uma rica herança ancestral, marcada por resistência, resiliência e luta por reconhecimento e igualdade. Essas mulheres desempenham um papel fundamental na preservação e transformação cultural, desafiando estereótipos e afirmando sua presença e importância na sociedade.

Historicamente, as mulheres negras foram sistematicamente marginalizadas e desvalorizadas, sendo associadas a papéis subalternos e estereotipados. No entanto, ao longo do tempo, elas têm se apropriado de sua identidade, resgatando suas raízes e afirmando sua presença em diversos espaços, como na política, na arte, na educação e na cultura. Essas mulheres têm sido protagonistas na preservação e transformação da cultura, seja por meio da música, da dança, da culinária, da religião ou das tradições familiares. Elas desempenham um papel central na transmissão de saberes e valores para as novas gerações, garantindo a continuidade e a renovação da cultura negra no Brasil.

Intersecção entre Identidade, Cultura e Mulheres Negras

A identidade e a cultura das mulheres negras estão intrinsecamente relacionadas, pois uma influência reforça a outra. Como as mulheres se identificam e se percebem, está profundamente ligada às práticas culturais que desenvolvem e preservam. Da mesma forma, as manifestações culturais são uma expressão de sua identidade, de sua história e de sua luta por reconhecimento e igualdade. Ao afirmar sua identidade e valorizar sua cultura, as mulheres negras não apenas resistem ao racismo e à discriminação, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática. Elas mostram que a diversidade é uma riqueza e todas as culturas merecem respeito e valorização.

RACISMO ESTRUTURAL

O racismo estrutural refere-se a um sistema de opressão que atravessa as instituições sociais, políticas e culturais, estabelecendo desigualdades pautadas em linhas raciais. Diferentemente do racismo individual, caracterizado por preconceitos explícitos, o racismo estrutural opera como uma dimensão invisível, um padrão normalizado na composição da sociedade. Em outras palavras, o racismo está embutido na forma como a nossa sociedade funciona. Ele limita o acesso das pessoas negras às oportunidades, recursos e espaço de poder.

No caso de mulheres negras, essa forma de discriminação transforma-se em barreiras cotidianas: dificuldades sistemáticas de acesso à educação de qualidade, mercado de trabalho formal e atendimento digno nos serviços de saúde. Tais barreiras não decorrem de mérito individual, mas refletem historicamente papéis impostos pela matriz racista de nossa sociedade.

Nos contextos da educação e saúde, por exemplo, mesmo existindo leis que promovam igualdade, existe um abismo entre mulheres brancas e negras em termos de representatividade e qualidade de ensino, escassez de lideranças negras. Já no sistema de saúde pública há falhas em reconhecer as demandas específicas dessas mulheres, gerando disparidades que se traduzem em diagnósticos tardios, tratamentos inadequados, violência obstétrica e altas taxas de mortalidade materna.

INTERSECCIONALIDADE

A interseccionalidade, introduzida por Kimberlé Crenshaw (1989), propõe uma análise que vai além da dissociação entre categorias de opressão – como raça, gênero e classe – reconhecendo que estas se sobrepõem e interagem de forma complexa, originando experiências únicas de marginalização. Com esse conceito, Crenshaw ajuda a entender que diferentes formas de opressão não atuam isoladamente, mas se entrelaçam. No caso de mulheres negras, essa articulação não produz simplesmente “dupla” ou “tripla” opressão, mas uma condição específica de vulnerabilidade.

Mulheres negras enfrentam simultaneamente o racismo e o sexismo – além de, muitas vezes, desafios relacionados à classe social, orientação sexual ou regionalidade. São múltiplas violações que se cruzam e tornam suas experiências singulares. Adicionalmente, a interseccionalidade possibilita compreender de maneira que estruturas como o cis-heteropatriarcado, a economia capitalista e o racismo colidem nas trajetórias dessas mulheres. Como consequência, há mulheres negras que ocupam com maior frequência empregos informais; são principais vítimas de feminicídio; e há escassa presença de mulheres negras em ambientes de decisão.

A combinação desses conceitos – racismo estrutural e interseccionalidade – oferece uma base teórica e robusta para compreender os modos pelos quais as desigualdades, principalmente entre mulheres negras, são produzidas e mantidas. Enquanto o racismo estrutural aponta para a profundidade das desigualdades enraizadas na sociedade, a interseccionalidade revela a complexidade e a diversidade das experiências oprimidas.

PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS

As mulheres negras no Brasil e no mundo são símbolos vivos de protagonismo, transformando contextos e construindo narrativas que desafiam o invisível e o marginal. O protagonismo das mulheres negras vai além da simples ocupação de espaços: é expressão e resistência, criação e liderança. Desde figuras históricas até lideranças contemporâneas, estas mulheres protagonizam discursos de transformação, ativismo, arte, ciência, cultura e política. Esse protagonismo é importante para lembrar que seus relatos e vivências são imprescindíveis para compreender a história e projetar um futuro mais justo e igualitário.

Ao assumirem espaços nas artes, na ciência, na política ou no empreendedorismo, mulheres negras subvertem narrativas dominantes que as relegavam ao segundo plano. A presença delas reafirma que são agentes de mudança, articulando lutas que impactam não apenas as suas comunidades, mas a sociedade como um todo. Quando assistimos mulheres negras protagonizando, resistindo e liderando, tornam-se fontes de inspiração para futuras gerações. Esse reconhecimento fortalece a autoestima, amplia possibilidades, mostra que essas trajetórias são legítimas e possíveis, e que cada uma delas pode ser protagonista de sua própria história.

O protagonismo das mulheres negras está enraizado tanto na esfera individual quanto na coletiva. Ao personificar lutas e conquistas, elas também elevam vozes coletivas e reforçam a importância da solidariedade na construção da identidade e de ações transformadoras.

Valorizar o protagonismo das mulheres negras é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Quando essas mulheres ocupam espaços de liderança, elas não apenas desafiam as estruturas de poder estabelecidas, mas também trazem perspectivas e soluções que refletem as necessidades e realidades de suas comunidades e da sociedade onde estão inseridas. O protagonismo das mulheres negras serve para mostrar que é possível resistir, lutar e conquistar espaços de destaque, mesmo diante das adversidades.

A MINHA VOZ IMPORTA, A MINHA COR IMPORTA

Reconhecer a importância da cultura negra na sociedade, é afirmar que cada negro merece ser ouvido, respeitado e valorizado por quem ele é, além de representar um convite para que cada um se reconheça protagonista de sua história, especialmente as mulheres negras, cujo protagonismo tem sido historicamente tentado silenciar e desvalorizar.

Dizer “a minha voz importa, a minha cor importa” é reivindicar a legítima presença das mulheres negras numa sociedade que sistematicamente as tende a inviabilizar. Essa afirmação carrega o peso de séculos de silenciamento – não por acaso, mas como resultado de um enraizado racismo estrutural que interage com o patriarcado, criando formas específicas de subordinação. Esse silêncio foi herdado historicamente – estratégias de sobrevivência que atravessam gerações e transmutam em uma prática de autossilenciamento, arraigada na

perspectiva de que a voz de uma mulher negra pode resultar em punição ou criminalização. Esse silenciamento impede que suas vozes sejam reconhecidas como legítimas e importantes.

Mulheres negras enfrentam não apenas o preconceito racial ou o machismo – mas uma opressão intrincada e simultânea. Isso significa que sua experiência de discriminação não é apenas o somatório, mas construída em múltiplas camadas, onde raça, gênero se articulam de maneira singular. Esse entrelaçamento cria barreiras mais densas, que escapam às análises tradicionais no feminismo ou nas lutas antirracistas que não têm consciência dessa complexidade. Dizer “a minha cor importa”, portanto, reconhece que esses marcadores identitários são centrais na compreensão da forma como o mundo é estruturado, e não podem ser negados.

Ao afirmar que minha voz importa, a minha cor importa não é uma simples declaração de autoestima – é um grito político e existencial. É a recusa de esquecer raízes, de participar apenas por concessões e adaptações. É afirmar que as mulheres negras têm lugar, têm conteúdo e têm poder para transformar realidades. Essa afirmação não reivindica apenas o direito à fala, mas o direito de existir plenamente, com toda a densidade de sua identidade. É também desafiar a negação de sua humanidade – é dizer que a negritude merece valor, reconhecimento e respeito.

Que essa frase ecoe como um convite à escuta atenta, à representatividade e à construção de espaços verdadeiros de pertencimento – para que, enfim, cada voz seja ouvida, cada cor seja respeitada e cada mulher negra possa trilhar seu caminho com dignidade e esperança.

POR QUE CELEBRAR AS MULHERES NEGRAS?

Celebrar as mulheres negras é, antes de tudo, reconhecer o papel de protagonistas da história e da cultura brasileira, superando as invisibilidades impostas pelo racismo estrutural. Suas trajetórias são marcadas por resistência, protagonismo e criação de caminhos para que a diversidade se torne visível e legítima. Afinal, celebrar é também um ato político e empoderador. O valor simbólico da presença dessas mulheres é profundo. Ao serem celebradas, elas reafirmam que a negritude não é uma marca a ser superada, mas um modo de ser digno, legítimo e necessário. Esse reconhecimento reconstrói identidades fragilizadas pelo silenciamento social e oferece modelos de empoderamento construídos por mulheres que resistiram e produziram novas referências.

Além disso, a celebração das mulheres negras encoraja a representatividade – condição essencial para que meninas e jovens negras se vejam como possíveis agentes influenciadores, líderes, pensadoras e agentes de mudança. Quando a presença dessas mulheres é viabilizada, abre-se um caminho coletivo, no qual a singularidade de cada trajetória contribui para empoderar e fortalecer toda a sociedade. Entender que celebrar representa mais do que homenagear conquistas individuais: surgem oportunidades para que novas vozes sejam ouvidas e reconhecidas em espaços historicamente excludentes.

O protagonismo das mulheres negras alimenta transformações profundas na sociedade. Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

Celebrar as mulheres negras representa uma narrativa afirmativa que responde, com dignidade, à estrutura desigual que tenta reduzir essas vidas à invisibilidade. Pode-se afirmar que o legado delas não apenas merece ser lembrado, mas ocupado por diversas gerações como fonte de identificação, potência e alento. Que este ato de celebração sirva como semente para formar sociedades mais justas, onde vozes antes silenciadas possam ser escutadas em coro, e onde a cor da pele não determine quem pode ou não ocupar espaços de prestígio, liderança ou criação.

Finalmente, celebrar as mulheres negras é, antes de tudo, reconhecer e valorizar o legado de resistência e criação que permanece vivo em cada arte, saber ou trajetória. É também assegurar que suas vozes – e cores – importam. E acima de tudo, é validar que a contribuição dessas mulheres não pertence apenas à história: é força pulsante que orienta o presente e ajuda a construir um futuro mais equitativo.

PROJETO EDUCACIONAL MULHERES NEGRAS: IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO

OBJETIVOS

- Promover a reflexão crítica sobre a posição das mulheres negras na sociedade e a importância do seu reconhecimento, destacando sua resistência e empoderamento, evidenciando os impactos do racismo estrutural, da interseccionalidade e do machismo estrutural;
- Sensibilizar os alunos para as desigualdades e desafios enfrentados pelas mulheres negras;
- Fomentar a construção de um ambiente escolar inclusivo e de respeito à diversidade.

JUSTIFICATIVA

A temática é de suma importância para a formação de cidadãos críticos, conscientes das desigualdades históricas e dos mecanismos de opressão que afetam as mulheres negras. A escolha dessa temática se justifica pela necessidade de conscientizar a comunidade escolar sobre as desigualdades e desafios enfrentados pelas mulheres negras, promovendo um espaço de diálogo e reflexão que contribua para a transformação social. O projeto visa, ainda, incentivar práticas pedagógicas interativas e inclusivas, valorizando a diversidade e fortalecendo o protagonismo de grupos historicamente marginalizados.

METODOLOGIA

1. Pesquisa Bibliográfica:

Levantamento de textos, artigos e vídeos que abordem a história, os desafios e as lutas das mulheres negras, com foco em temas de racismo, interseccionalidade e machismo.

2. Dinâmica com Grupos (em sala de aula):

Na primeira semana, as turmas irão pesquisar sobre mulheres negras inspiradoras no Brasil. Na segunda semana, cada turma escolherá uma mulher negra do seu bairro, sua rua, sua cidade para ser homenageada, pesquisando a trajetória de sua vida.

3. Entrevista:

Cada turma realizará um registro sobre a mulher escolhida do seu bairro, sua rua, sua cidade (vida pessoal, vida profissional, infância, família, origem, sonhos – realizados e a realizar).

4. Oficinas e Atividades Lúdicas:

Oficina de produção artística, como confecção de mural que simbolize a identidade e a resistência das mulheres negras, jogo amistoso e produção de lembranças que estimulem a expressão artística e o engajamento dos alunos.

5. Palestras:

Roda de conversa, análise de estudo de caso e palestras sobre os conceitos de racismo estrutural, interseccionalidade e machismo; palestra com a participação da Secretaria da Mulher e da professora da UFAPE.

ATIVIDADES SUGERIDAS:

➤ **Oficina de Histórias e Memórias:**

Os alunos serão convidados a pesquisar e apresentar a trajetória de mulheres negras inspiradoras, elaborando um mural que ilustrem essas histórias de resistência.

➤ **Jogo Amistoso:**

Realização de amistoso com futsal e/ou vôlei feminino com a participação de estudantes de outras escolas.

➤ **Atividade de Confeccionar Lembranças:**

Realização de oficinas de arte, onde os alunos criarão objetos simbólicos (como lembranças, cartazes ou painéis) que remetam à cultura negra e à valorização das contribuições das mulheres negras.

➤ **Visita à Comunidade Castainho:**

Visita à comunidade quilombola Castainho para conhecer a história e o trabalho das mulheres negras da comunidade.

NOMES PESQUISADOS E ESTUDADO PELOS ESTUDANTES DE MULHERES NEGRAS INSPIRADORAS DO BRASIL

Dandara dos Palmares

Uma das figuras mais icônicas da resistência contra a escravidão.

Carolina Maria de Jesus

Escritora autodidata que viveu na favela do Canindé, em São Paulo.

Lélia Gonzalez

Intelectual, antropóloga, filósofa e feminista negra que lutou contra o racismo estrutural e a desigualdade de gênero.

Sueli Carneiro

Doutora em filosofia pela USP, fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra. Referência em feminismo e política de cotas.

Marta Vieira da Silva

A maior artilheira da história da Seleção Brasileira de Futebol.

Mercedes Baptista

A primeira bailarina negra do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Tia Ciata

Conhecida por ceder o quintal para a reunião de diversos artistas que deram origem ao samba.

Benedita da Silva

Política e socióloga que, ao longo de sua carreira, se destacou como defensora dos direitos humanos e das causas sociais. Ela se tornou a primeira mulher negra a governar um estado brasileiro, o Rio de Janeiro.

Antonieta de Barros

Jornalista, fundadora e diretora do jornal “A Semana”, foi a primeira mulher negra eleita deputada federal no Brasil e também a primeira professora negra do Brasil.

Conceição Evaristo

Graduou-se em Letras pela UFRJ e foi professora da rede pública. Escritora, também é reconhecida como ativista com atuação constante em movimentos de valorização da cultura negra em nosso país.

Jaqueline Goes de Jesus

Biomédica que integrou a equipe que mapeou os primeiros genomas do novo coronavírus em apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no país.

Sônia Guimarães

Primeira mulher negra e brasileira a ser doutora em Física. Se tornou também a primeira negra a lecionar no ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica).

Jô Cavalcanti

Codeputada da mandata das Juntas (Psol), o primeiro mandato coletivo da história da política pernambucana. Atualmente, vereadora e única mulher negra a ocupar esse espaço na Câmara Municipal.

Esperança Garcia

Mulher negra escravizada brasileira, considerada a primeira mulher advogada do Brasil.

Inaldete Pinheiro

Escritora, contadora de histórias e pesquisadora de maracatu. Uma das fundadoras do Movimento Negro do Recife.

Rebeca Andrade

Ginasta artística brasileira, bicampeã olímpica e a maior medalhista da história do Brasil nos Jogos Olímpicos.

Rita Carreira

Modelo paulistana foi a primeira mulher plus-size negra a estampar a capa da Vogue Brasil.

Ruth de Souza

Primeira atriz negra a atuar no Teatro municipal e a primeira brasileira indicada a um prêmio internacional de cinema.

Viviane dos Santos Barbosa

Cientista brasileira que se destacou mundialmente ao receber a premiação máxima da "International Aeorol Conference", por desenvolver um produto catalisador que reduz a emissão de gases poluentes.

Maria Odília Teixeira

Primeira médica negra do Brasil.

Rachel Maia

Primeira mulher negra a ser CEO de uma grande empresa no Brasil. Comandou a Tiffany & Co. Joalheria, Pandora e Lacoste Brasil.

Gloria Maria

Primeira jornalista e repórter negra da TV brasileira.

Maria Clementina de Souza

Primeira delegada negra no Brasil.

Helena Reis

Primeira mulher negra a chefiar a secretaria da Casa Militar do governo de São Paulo.

Aniele Franco

Ministra da igualdade Racial e fundadora do Instituto Marielle Franco, articula políticas antirracistas.

Marielle Franco

Socióloga, ativista e política brasileira, defendia o feminismo, os direitos humanos e a justiça social.

REFERÊNCIAS

- Rodrigues, Vera. Mulheres Negras Resistem: Protagonismo Feminino, Negro e Nordeste. Humanidades & Inovação, UNILAB, 2018.
- Sampaio da Silva, F.R. & Said, G.F. Interseccionalidade e identidade: analisando a representação de mulheres negras na revista Revestrés. Revista Contemporânea, 2024.
- Nogueira Level, I. et al. Mulher negra nos livros didáticos: uma revisão integrativa de 2017 – 2021. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIAIS, 2023.
- Rufino, Alzira. Ensaios : A mulher negra tem história; Mulher negra: uma perspectiva histórica. Santos, 1987.
- Malcher, Monique; RIAL, Carmen Silvia. “Quem tem medo do feminismo negro? A urgência do debate racial no Brasil.”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 3, e60959, 2019.
- Bagetti Zeifert, A. P., Dezordi Wermuth, M. A. ., & Chaves de Matos, G. E. (2024). Racismo estrutural e desigualdade social no Brasil: possibilidades de enfrentamento a partir do cooperativismo. Revista Brasileira De Estudos Políticos, 129



**”MINHA COR É MEU ORGULHO,
MINHA VOZ É MINHA ARMA”**

